

SHABTAI, Yaakov. *Passado contínuo*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 359p.

O Ulisses israelense*

Bráulio Tavares**

A literatura israelense contemporânea é pouco traduzida aqui no Brasil, e o único autor de quem consigo lembrar sem consultar uma enciclopédia é Amos Oz. Então, não sei avaliar, a possivelmente complicada linha genealógica literária que Joshua Cohen faz de *Past Continuous* (1977) de Yaakov Shabtai (1934-1981), o "Ulisses israelense", meio século depois do de Joyce.

A intenção de Cohen é tentar identificar em cada nação qual o livro que melhor dá continuidade às experiências estilísticas de Joyce: oralidade, fluxo de consciência, mescla de discursos aparentemente disparatados, dilatação da passagem do tempo, mistura erudito/plebeu, épico/banal, etc. Em algumas literaturas, esse momento só se dá muitas décadas depois do Ulisses.

Cohen descreve assim o livro: "Escrito num único parágrafo, o único romance deixado completo por Shabtai é uma intrincada crônica da vida israelense em meados dos anos 1970. Frases intermináveis expõem o entrelaçamento das vidas de um grupo de amigos e parentes que se encontram nas ruas e nos salões de TelAviv após a morte do pai de um dos protagonistas. Discute-se socialismo e religiosidade, pratica-se sexo, os costumes dos judeus europeus são diagnosticados como irrelevantes, mas o que faz deste romance um marco da literatura em hebreu é o espantoso domínio do autor sobre as longas frases com cláusulas embutidas e digressões coloquiais".

Os três personagens principais são o fotógrafo Caesar, o tradutor Goldman e o pianista Israel. O livro se abre com a morte do pai de um deles em 1 de abril e se encerra com o suicídio do filho em 1 de janeiro, cobrindo o período simbólico de nove meses. É um livro várias vezes premiado em seu país, e considerado o primeiro romance escrito em hebreu vernacular. Uma resenha no New York Times lamenta a decisão dos tradutores norte-americanos de partir em ocasionais parágrafos uma obra que no original é um único parágrafo do começo ao fim (o tipo de decisão que provoca nos tradutores e editores conscienciosos um calafrio de presságio e insônias cheias de culpa).¹

Diz Alan Leichuk no NY Times que a narrativa avança por meio de associações entre personagens, seguindo um deles por várias páginas, depois acompanhando outro com quem ele se relaciona, até encontrar um terceiro e passar a segui-lo, até que depois de várias voltas estamos novamente de volta ao primeiro e tudo recomeça. Ele comenta: "É o retrato mais prodigioso e provavelmente mais realista da sociedade israelense contemporânea; não há utopias de kibbutz, nem a mística de Jerusalém, nem otimismo sionista, nem heroísmo de Sabra, e sim um retrato de proporções balzaqueanas de uma família e de um povo em crise, vidas vividas no fim de um sonho que se desgarrou, e de um paraíso em explosão". Um curioso reflexo do livro de Joyce num mundo judeu cuja existência Joyce talvez não conseguisse imaginar.

* Uma versão deste texto foi originalmente publicado em *Jornal da Paraíba, Campina Grande/ Paraíba*, em 01/12/2010, e no blog do escritor. Disponível em: <http://mundofantasma.blogspot.com/>. Acesso: 01 dez. 2010.

* **Bráulio Tavares** é escritor, poeta e pesquisador de literatura fantástica. Compilou a primeira bibliografia do gênero na literatura brasileira, o *Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog*, pela Fundação Biblioteca Nacional, Rio, em 1992. Publicou, entre outros livros, *A máquina voadora*; *A*

espinha dorsal da memória / Mundo fantasma; Balada do andarilho Ramón; Sai do meio, que lá vem o filósofo; O homem artificial; O que é ficção científica; O anjo exterminador; Páginas de Sombra: contos fantásticos brasileiros; e Como enlouquecer um homem: as mulheres contra-atacam.

Nota

¹No Brasil, a tradutora, Nancy Rozenchan manteve a formatação do texto hebraico, ou seja, o romance foi publicado apresentado em um único parágrafo (Nota da editora).